

THOMAS  
JENNIFERSON

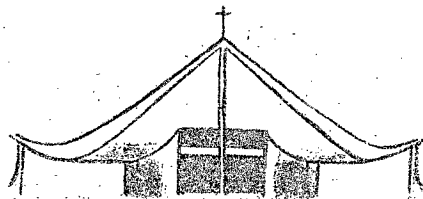
( USIS )

biblioteca

filmoteca

aulas de inglês  
(novas matrículas  
em junho)

AV W3 Q 10



d. bosco

LIVRARIA PAPELARIA

literatura (novidades)

livros didáticos

material escolar

mat. para desenho

SQ 108 ljs 4/5 24479

rua da igrejinha

ria Humana. De um território vastís-  
simo, com uma quantidade enorme de  
recursos inexplorados. Nós temos,  
portanto, dentro do Brasil as condi-  
ções indispensáveis para fazer com  
que o povo brasileiro viva melhora  
medida em que as potencialidades dos  
recursos naturais sejam através de  
umatécnica mais alta desenvolvidas e  
postas ao serviço de todos. Para is-  
so é preciso que capacidade técnica  
promova essa exploração, que a ex-  
ploração dos recursos se faça segun-  
do os interesses nacionais e não se-  
gundo o interesse de empresas que  
aquiacaso se venham instalar ou in-  
teresses de qualquer outra ordem.  
Ora, para isso é indispensável que  
além daquela consciência, além dessa  
capacidade técnica, haja uma certa  
lucidez quanto aos objetivos nacio-  
nais e haja também uma certa capaci-  
dade política de colocar os interes-  
ses da maioria, do conjunto do povo  
brasileiro, como um dos ingredientes  
no momento da tomada das decisões.  
Uma das características do passado  
brasileiro é que tudo se decidia nos  
pequenos grupinhos, em salas fecha-  
das. E quando as coisas ocorrem as-  
sim é sempre possível que interes-  
ses de um grupinho qualquer, um gru-  
pinho de pressão, interesses subal-  
ternos, de qualquer ordem, prevale-  
çam sobre o interesse coletivo. O  
que nós estamos começando a conse-  
guir é que as coisas sejam discuti-  
das publicamente, que as questões e  
ducacionais, as questões de saúde,  
que tôdas elas sejam discutidas em  
face da opinião pública inteira.  
Com isso já se dá um grande passo.

*Decy 15-64*

RAPL

PAPELARIA INTERNACIONAL LDA

ARTIGOS PARA  
ESCRITORIO E  
ESTUDANTES

SQ 309 10j.18 26797

SQ 307 ljs.36/7 28500

Estamos entrando decisivamente na era da automatização, isto é, na era em que tudo pode ser realizado pela máquina e controlado pela máquina.

As máquinas tipo "cérebro eletrônico" estão-se tomando cada vez mais frequentes: organizam, concluem e prevêem. Lemos que um desses "cérebros" conseguiu até compor uma poesia... Está visto que se as coisas continuarem assim, os poetas vão meter a viola no saco e cantar noutra freguesia.

Na Siderurgia, máquinas calculadoras controlam um alto-forno lendo instrumentos à razão de vinte medições por segundo e dando ordens necessárias para mantê-lo em bom funcionamento. A contabilização bancária que normalmente se faz num dia de trabalho, a máquina pode fazê-la em poucos minutos. Basta dizer que substitui 700 funcionários, lendo, classificando e escriturando cheques.

Já existem máquinas para controlar os serviços da mais complexa tarefa de armazenagem. Outras há capazes de orientar o trânsito, fazer o pagamento de jogo de corrida de cavalos e tradução de documentos.

Graças às máquinas se estão corrigindo e atualizando os cálculos de distâncias interplanetárias -- o que tem ajudado grandemente à nova era de comunicação universal.

Isso nos faz lembrar o conto intitulado O PEDESTRE de Ray Bradbury em que êle prevê a vida automatizada do ano 2000: o personagem, que parece vir das sombras, está andando pela rua e é interceptado por um carro da radiopatrulha:

-- Fique onde está. Não se mova !

As luzes do carro o ofuscavam. Continuou a voz:

-- Sua profissão ?

-- Escritor. -- respondeu o personagem.

Ao que concluiu a voz:

-- Sem profissão.

Segue-se um rigoroso interrogatório sobre o que está fazendo. E como o personagem declara simplesmente que está passeando, tomando um pouco de ar, vendo a rua, responde-se que está passeando para quê?, tomando ar para quê?, se deve ter ar condicionado onde mora; vendo o quê, se tem naturalmente um televisor para ver através dela.

-- Entre ! -- disse a voz.

Êle avançou ainda ofuscado. Entrou. Não havia ninguém. Nesse momento ouviu um ruído de cartões sendo perfurados à luz de células eletrônicas.

-- Para onde vai levar-me? -- perguntou ao Carro.

-- Para o Centro de Pesquisas sobre Tendências Regressivas!

# O ESTUDANTE E A POLÍTICA

Pretende-se confinar o estudante à escola, aliená-lo da situação política, tirando-lhe a oportunidade de exercer nela qualquer participação.

Que o estudante deve preocupar-se apenas com seus estudos é uma sentença proferida a todo instante com ares de gravidade genil por parte de elementos que, na maioria das vezes, estão mal-intencionados, como se o estudante pudesse abstrair-se da dura realidade.

A classe estudantil sempre foi uma força dinâmica no contexto social, não seria num momento de rápida transformação política e econômica de uma sociedade baseada em princípios anacrônicos que o estudante iria trair o passado combativo de sua classe.

No Brasil, com mais da metade da população analfabeta e a cultura entorpecida por certos órgãos de imprensa, a classe estudantil é impelida à posição de liderança em virtude de sua formação cultural, do ardor combativo que lhe é peculiar e pela ausência de compromissos vergonhosos que identificam a maioria daqueles que a atacam. Nossa ação deve ser autêntica, nossos objetivos os mesmos visados por todo o povo e não somente por parte deste. O problema da participação do estudante na vida política não será solucionado através de repressão policial como é o desejo de muitos. A polícia serviria para coibir as contravenções (o que normalmente não faz) e não para sitiar prédios estudantis. Os homens encarregados de expressar e resolver os problemas nacionais, abandonem a falsa idéia que fazem acerca da classe estudantil.

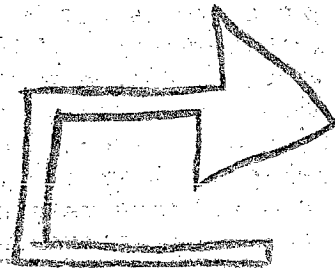
Que vença a Justiça!

Jose Marcus Vinicius de Souza

Algumas vezes isso causava certa perplexidade, certo susto. Nas festas de formatura, em que as famílias se reuniam numa disposição de júbilo, de se congratular com os filhos que de pois de anos de esforços conseguiram formar-se como médicos, engenheiros ou como advogados, em lugar de encontrarem uma festa e esse júbilo, encontravam nos cradões da turma geralmente atitudes de críticas severas. E é o caso de perguntar: por que é que a juventude se tornou tão séria no País? Por que é que a juventude está tão preocupada? Pessoas ingênuas podiam achar que não havia razão para isso porque é absolutamente verdadeiro que o Brasil nunca progrediu tanto quanto tem progredido nos últimos anos. Nunca se criaram tantas escolas quantas foram construídas nos últimos 5 ou nos últimos 10 anos no Brasil, nunca se construíram tantos hospitais, tantas estradas, nunca se montaram tantas fábricas. Por quê, apesar desse progresso todo, que é visível, há esse descontentamento? E o que é que indica esse descontentamento? A verdade é que o Brasil foi durante séculos, digamos melhor, até 10 anos atrás ou 5, foi um país, não só muito atrasado, mas conformado com o seu atraso. E o que caracteriza o Brasil de hoje é o seu inconformismo. Sobretudo na atitude dos jovens é que a gente sente essa inconformação. O Brasil aprendeu que podia ser muito mais desenvolvido do que é, que o seu povo podia ter um nível de vida muito mais alto. Há na juventude um sentimento como que se estivesse vendo o País com os intestinos à mostra. Isso é que faz diferente a juventude brasileira da americana, da suíça, da finlandesa. Nesses países, os problemas estão de tal forma concatenados, ordenados para uma solução, que a vida pode ser até desagradável, como eu suponho que seria para mim, porque a cada jovem não se pede mais do que a capacidade de adaptação, a capacidade de ajustar-se ao nicho onde ele nasceu. Aqui, nós temos possibilidades de fazer coisas muito maiores, mas o preço dessa vantagem é também esse sentimento de insegurança, esse desejo de progredir. Então, eu acho que o que caracteriza mesmo o Brasil de hoje é esse traço de inconformismo que faz com que todas as coisas estejam submetidas à análise num esforço de ir à frente, de criticar as atitudes do passado. Sempre se diz que o Brasil é um país novo e ao dizê-lo desculpa-se muita coisa de nosso atraso em relação a outros povos. Isso não é verdade. A América do Norte é 100 anos mais nova do que o Brasil, porque ela só começou a ser efetivamente explorada e ocupada por europeus 100

SEGUE

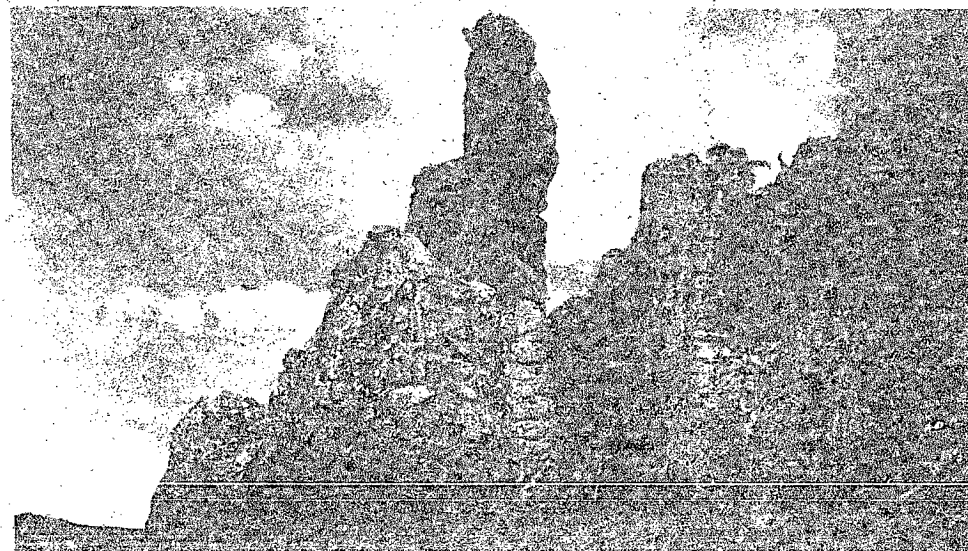
anos depois do Brasil. Então, não é o ser jovem que explica o atraso brasileiro, serão outras razões. E uma série de afirmações frouxas e vazias dessas estão sendo reeditadas. Tudo indica essencialmente que o Brasil alcançou, já, aquela condição mínima e indispensável a um país para progredir e para desenvolver-se, que é a coragem de encarar face a face os problemas, sem medo deles, e a capacidade também de procurar soluções realistas dos mesmos. Essa é a primeira capacidade: a consciência da situação. Um médico, enquanto está com medo de diagnosticar que certa doença é câncer, por exemplo, não tem nenhuma possibilidade de atacar essa doença. Enquanto o País tinha a vergonha de dizer que nós somos a nação mais atrasada da América Latina em educação primária e média, não havia condição nenhuma para que o problema fosse enfrentado. Nós alcançamos, pelo menos, essa capacidade de equacionar, de verificar e de clarar, não ficando envergonhado com isso, de tomar do próprio atraso forças para ir à frente e para mobilizar a opinião pública e reunir os recursos humanos e materiais necessários para enfrentar os problemas. A segunda mostra de capacidade, também indispensável além dessa consciência das necessidades é a capacidade de equacionar os problemas. Ora, nós somos um país que cresce vertiginosamente em população. Somos das populações que estão se incrementando mais rapidamente no mundo. E somos detentores de uma das maiores heranças que um povo já teve na História



# PONTA GROSSA

pedro luiz masi

Nos campos gerais  
as passadas longas  
do Cabeça de Vaca  
antecederam tudo.  
Depois surgiram  
os portugueses  
e a Santa Bárbara do Pitangui!  
Depois (o mundo é um só)  
chegaram os russos e alemães.  
(Mas tudo é Brasil)  
Da Santa Bárbara  
ficou um oratório:  
as missas de vento  
da Vila Velha  
— cidade fantasma —  
cujas casas de arenito vermelho  
são blocos em preces...



Gems  
EXCLUSIVO



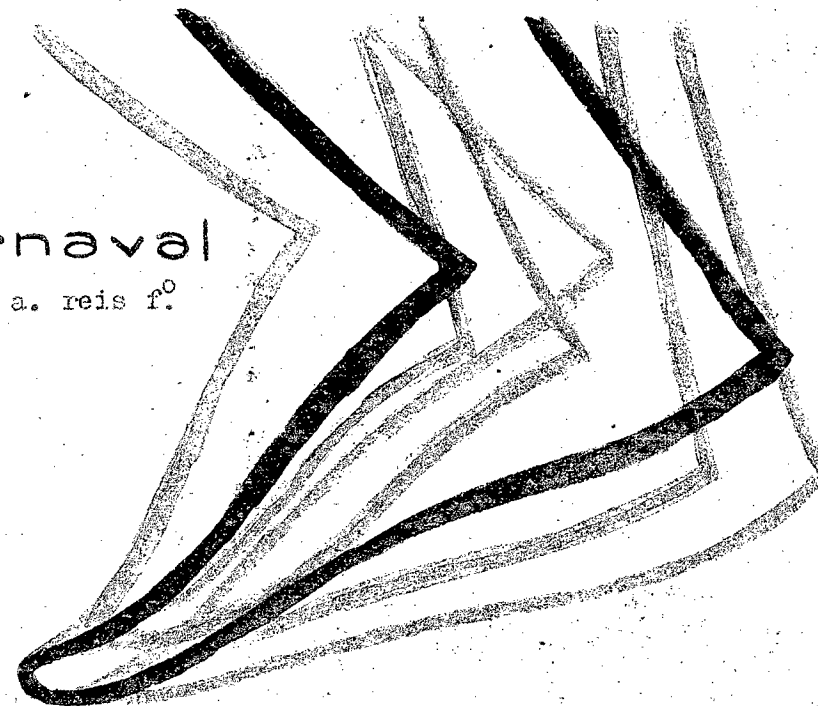
darcy ribeiro

*Darcy Ribeiro*

Eu tenho participado ultimamente de uma série de reuniões de jovens, jovens universitários, sobretudo. Uma dezena delas foram festas de formatura de fim de ano. Todas essas reuniões ou festas tinham um traço em comum que era a extrema preocupação da juventude com os problemas nacionais, e também a extrema gravidade e preocupação que está neste momento impregnando a juventude brasileira.

carnaval

daniel a. reis f.<sup>o</sup>



Poderia falar do calor amigo que cerca o carnaval. Contar do desfile das escolas de samba e dos sacrifícios que seus integrantes fazem para sair à rua. Ou das sociedades que abrilhantam o derradeiro dia de carnaval. Dizer da alegria, da pureza, do riso quase infantil do povo. Falar da ingenuidade com que as crianças brincam o carnaval. Sem pensar em baixezas. Contar histórias de brigas e desavenças, de esperanças. De desejos frustrados, de sonhos não concretizados. Ou da tristeza de muitos e da alegria de poucos. Falar do barulho ensurdecedor e alucinante do samba arrastando tudo e todos. Abo lindo o raciocínio. Dizer do espanto do turista ao ver uma cidade, um país, brincar três dias. Sem descanso. Ou falar do Zé, malandro esperto, a enganar viajantes. Contar da bebida, das bebedeiras e dos bêbedos. Ou ainda da quarta-feira de cinzas, fecho de uma loucura que passou. Entretanto, direi apenas que vi uma menina-moça, moça-menina, não sei. Que não me falou, nem me disse nada. Olhou-me — e mais nada.

# Asas Libertas

geraldos costa alves

Soltei meus passaros em Brasilia.

Não quis que ficassem engaiolados  
na Cidade de céu azul, diáfano  
e de amplísimos horizontes.  
Na manhã de sol vermelho, ardente,  
na manhã tao clara, abri-lhes as portas da prisão.  
Num vôo sem limite, em busca do infinito,  
partiram, cantando, em saudação  
à Liberdade.

Soltei meus passaros em Brasilia.

Por que encarcerá-los  
em gaiolas escuras, quando a Natureza,  
lá fora, canta e vibra, e é cor, alegria e beleza?  
Por que negar-lhes o encantamento  
do vôo livre pelas tardes calmas,  
pelas tardes lindas, quando o poente  
é lilás e cinza e ouro liquescente?

Soltei meus passaros em Brasilia.

Nunca mais os verei.  
Dominarão, como vôo, a Cidade branca,  
de construções horizontais.  
Hão de sobrevoar o Lago Azul.  
Hão de viver, felizes, no Cerrado.  
Haverão de cantar nos buritis perdidos.  
Gvirão as queixas dos rios sinuosos,  
que sulcam a terra do Planalto, guardados pelas matas.  
Casarão as suas vozes as vozes  
dos passaros nativos do sertão,  
maitacas, jaós, melros, inhambus...

Soltei meus passaros em Brasilia.

Vendo agora as gaiolas vazias,  
as gaiolas mudas nas paredes frias,  
eu os recorro, e me sinto melhor.  
É que desta Cidade  
me vem  
a sugestão do bem,  
do amor e da bondade.

Soltei meus passaros em Brasilia.

Gens

nelson raul saraiva (dir.)

este é realmente o "século das luzes". logo ao 1º dia, Deus  
fêz luz sobre a Sua obra. o homem fá-lo agora sobre a sua.  
esperou milênios. mas a luz fêz-se: a espécie humana no  
conjunto é ignorante, subnutrida, escrava, doente e sua vi-  
da de nível desolador tem pouca duração - a vantagem. por  
outro lado, a progressão geométrica na perpetuação "desta"  
espécie quando não é aqui motivo para problemas que um con-  
trôle da natalidade pretende conter, sê-lo-ia para boas pi-  
adas nos mundos vizinhos. a luz fêz-se. fêz-se a estatísti-  
ca e a divulgação que movimenta hoje a humanidade num com-  
passo de impaciência, de desespero. a luz fêz-se. 'gens'  
fugirá da relatividade que leva a braza para sardinhas sus-  
peitas. procurará a verdade absoluta. (se ela inexistente,  
que é de nós?)

antes de mais nada, o magnífico reitor da unb e autor do  
plano nacional de educação, prof darcy ribeiro, que acompa-  
nhou os primeiros números da revista, exclamou "o quanto  
gostara de 'gens', um primor, sua notável leveza e beleza  
de ilustrações - esta capa (Nº 2) dava para fazer um mosai-  
co..." depois, então, confiou-nos as palavras-análise do  
momento nacional. um "furo" que enche as páginas deste nú-  
mero, mas, não é só: um conto de gente, um estudante com a  
palavra e a razão, um inédito do príncipe dos poetas capi-  
xabas fechando aureamente a revista, mas, não é só.  
revisão: prof genor raposo ▲ técnica: luis antonio frota  
e pedro alexandre vieira ▲ fotos: jankiel e (15) ▲ capa, pa-  
ginação e ilustrações: nelson raul ▲ capa: 'pose' ▲ gens